



CÔA VISA O

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 13 • ANO DE 2011



EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 13 • ANO DE 2011

Trabalho coordenado por
JOSÉ MANUEL COSTA RIBEIRO
ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

Foto da capa:
Foz do Rio Côa de José Ribeiro

Composição e impressão:
Còa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. – V. N. de Foz Côa
Depósito Legal n.º 121116/98
ISBN 978-972-8763-23-7

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2011

Índice

Prefácio	5
Introdução.....	7
Um olhar sobre o Vale do Côa	9
A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo)	15
Hacia la etapa de esplendor de Foz Côa	21
O valor de uso turístico do Património Arqueológico: arqueologia, turismo e sustentabilidade no Vale do Côa	25
Aspectos etnográficos da cultura tradicional da amêndoa no Douro Superior.....	35
O cortejo alegórico/etnográfico, como factor de socialização e de dinamização do tecido social	47
Prémio Fundação Ilídio Pinho “Ciência na Escola” Esc. Secundária Tenente Coronel Adão Carrapatoso V. N. Foz Côa em destaque ...	53
Arquivo de memória do Vale do Côa.....	57
Sentimentos – momentos vários	69
O princípio do fim dos comboios na nossa região	73
O encanto das amendoeiras em flor.....	77
Ao correr da pena – memórias e sonhos literários	81
Um sonho interrompido e alguns rudimentos de literatura ibérica.....	83
A tecnologia têxtil	85

A construção do caminho-de-ferro e a polémica acerca da localização das estações na última secção: no Côa e na Olga, ou apenas nas Pariças?	109
A républica vista de longe	119
Projecto de criação de núcleos museológicos e/ou centros de interpretação nas áreas dos concelhos de Mêda e V. N. de Foz Côa	127
Trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento – intervenção de 2010	149

A tecnologia têxtil

ANTÓNIO DO NASCIMENTO SÁ COIXÃO
SANDRA NALDINHO

1. A TECNOLOGIA TÊXTIL¹

“A tecnologia têxtil envolve a conversão de fibras em fio subsequentemente tecido, permitindo a confecção de vestuário para revestimento do corpo, abrigando-o e protegendo-o das intempéries e rigores climáticos, bem como de outros elementos têxteis. Percorrendo um caminho milenar, esta actividade caracteriza-se por uma notável especialização funcional e uma grande dispersão cultural, sendo omnipresente no espaço e no tempo e ubíqua na divisão de género: os tecidos que cobriram legionários e guerreiros, reis e senhores, pastores e lavradores, partiam de um universo de dedos delicados, fruto do minucioso labor feminino.

A matéria-prima para a transformação têxtil de cariz artesanal pode ter origem animal ou vegetal, inserindo-se no primeiro grupo a lã e a seda e no segundo o algodão, o linho e o cânhamo. A transformação da fibra em tecido processa-se por três estádios subsequentes, os quais constituem a conversão da fibra, a preparação do fio e a elaboração do tecido, auxiliadas por utensílios e procedimentos distintos de acordo com o período histórico.

Tendo em conta o registo material dos povos que habitaram o aro de Freixo de Numão, podemos considerar a existência de um longo estádio em que o Homem terá aproveitado certos materiais flexíveis, vegetais ou animais, finos e resistentes, tais como eles se apresentavam ou depois de sofrerem uma adaptação rudimentar. No âmbito das fibras vegetais sobressai o linho, planta de grande antiguidade introduzida no contexto da sedentarização das populações e aproveitamento

agrícola do solo arável, o qual terá conhecido desenvolvimentos importantes no âmbito do novo enquadramento territorial potenciado pela Romanização: período no qual *se expandiu o seu desenvolvimento e a definição do seu lugar na escala dos valores económicos rurais do passado*².

De então até ao presente, a primeira etapa – conversão da fibra – manteve em linhas gerais os procedimentos orientadores que visavam o arranque da planta e separação da raiz por meio de ripagem, seguindo-se a sua *curtidura* em água corrente no intuito de separar as fibras da casca e facilitar as posteriores acções de *maçagem*, separando as fibras lenhosas das têxteis e assedagem destas últimas num utensílio próprio, o *sedeiro*.

A aridez climática do território situado entre os rios Douro e Côa terá limitado o cultivo extensivo que o linho conheceu noutras regiões, tendo-se desenvolvido alternativamente a transformação da lã, a qual advoga especificidades decorrentes da sua associação com a pastorícia, compreendendo a sua obtenção a partir do revestimento do gado ovino, ao invés do cultivo; a sua a tosquia com tesoura própria, ao invés do arranque; a sua *desengordura* em várias águas, em vez da *curtimento* e ao acto de *batedura*, em vez de *maçagem*. Não obstante estas diferenças, ambas as fibras conheciam tratamentos análogos nas etapas subsequentes.

A fiação será, no âmbito das técnicas têxteis, aquela à qual se associa mais imediatamente um rico imaginário simbólico. Em linhas gerais, carece da intervenção de dois instrumentos complementares – **a roca e o fuso** –, no intuito de formar um fio contínuo por meio de torsão a partir de fibras irregularmente dispostas. Estas são enroladas em torno da roca segura numa das mãos, enquanto

¹ VV. AA. (2006) *Museu da Casa Grande (Freixo de Numão – Vila Nova de Foz Côa). Arqueologia e Etnografia* – Guia do museu (coord. António Sá Coixão), Freixo de Numão, A.C.D.R. de Freixo de Numão, pp. 66 a 70.

² *Museu do Ferro e da Região de Moncorvo. Catálogo* (2002).



Foto 1 – Mulher a Fiar. Rua das Lages, Freixo de Numão, 1ª metade do séc. XX. Adaptado de FERREIRA (1954: 26)

que a outra vai puxando e torcendo o fio entre os dedos, o qual é preso ao atingir um certo comprimento, imprimindo um movimento de rotação descendente.

Este acto seria complementado com a inserção de um pequeno disco liso ou decorado, de vários tipos ou formas, na sua maior parte feitos de argila, mas também em pedra, com perfuração central – o **cossoiro** ou **fusaiola** –, dos quais constituem valiosas evidências o conjunto proveniente do recinto murado de CASTELO VELHO, permitindo balizar os primórdios desta técnica para o período Calcolítico/ Idade do Bronze. O facto de elementos contemporâneos similares terem também sido doados pelos habitantes de Freixo de Numão atesta a sua permanência até tempos muito recentes.

Rocas e **fusos** de feição arcaica coexistem com um exemplar mais desenvolvido, a **roda de fiar**, permitindo uma formação mais célere de fio que seria seguidamente disposto em meadas pela acção de um instrumento de rotação vertical accionado à mão – o **sarilho** –, as quais eram se-

guidamente desfeitas pela sua disposição na **dobadoira**, formando novelos que seriam usados na etapa seguinte³.

Mas é efectivamente ao nível do processo de tecelagem e do equipamento a ele associado, o **tear**, que encontramos evidências materiais mais consistentes no registo arqueológico, permitindo traçar inferências de evolução.

Em linhas gerais, a formação do tecido a partir do fio consiste em cruzar, com os fios paralelos de uma *urdidura* ou *teia*, montada vertical ou horizontalmente, o fio *de trama*, desenrolado do novelo, fio que vai passando entre os fios da urdidura, no sentido perpendicular a eles, da esquerda para a direita e depois da direita para a esquerda.

Embora as origens do instrumento designado para albergar este processo sejam difíceis de precisar, na medida em que seria composto de materiais perecíveis como a madeira, alguns dos instrumentos associados – designadamente, os **pesos**, constituídos por maciços blocos cerâmicos – subsistiram até ao presente. Entre os pesos pré-históricos de Castelo Velho e os pesos Romanos exumados do Quintal da Casa Grande e outros locais, existe uma fractura a nível formal – sendo os primeiros predominantemente sub-rectangulares, com quatro furos e os restantes paralelepípedicos, com um ou dois orifícios – coexistindo no entanto a continuidade funcional da sua utilização no **tear vertical**, também designado **tear de pesos**.

Assume-se que seria composto por uma estrutura vertical de quatro barrotes de madeira assentes sobre uma base, delimitando um espaço rectangular onde seria montada a urdidura, fixa na vertical por suspensão dos pesos nas extremidades, os quais asseguravam a necessária estabilidade para inserção da trama⁴.

Os teares que encontramos na actualidade constituem um mecanismo bastante mais complexo, compreendendo uma disposição horizontal e uma série de apetrechos dos quais se destaca o pedal, associado ao movimento renovador da produção têxtil. Neste âmbito, assistimos a uma progressiva especificidade das técnicas de preparação

³ PEREIRA (1967).

⁴ ALARCÃO (2005): 67-73.

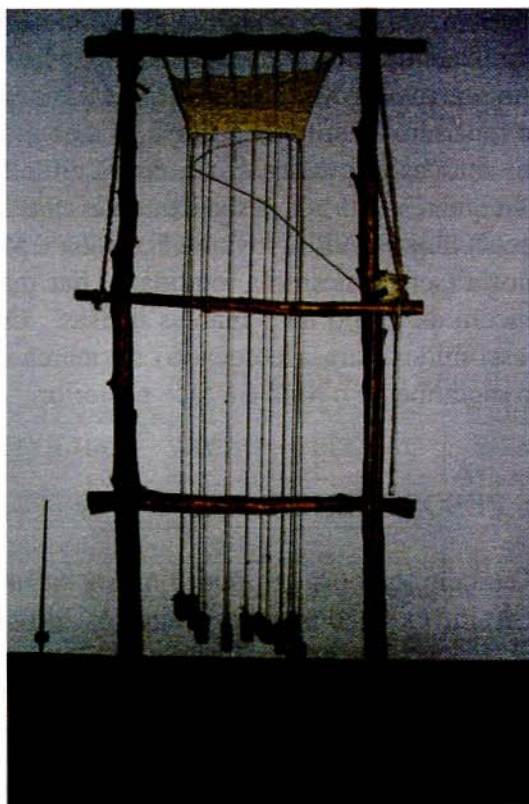


Foto 2 – Reconstituição de tear vertical Pré-Histórico. Museu da Casa Grade

da urdidura, montada em aparelho próprio e da trama, inserida em canelas por meio de um instrumento específico – a **caneleira** – para posterior inserção na lançadeira do tear.

Estes tecidos aguardavam uma última intervenção antes de serem adaptados às funções para as quais as comunidades lhe ditavam destino: uma última pisa ou *pisoagem*, a qual consistia em conferir consistência ao tecido por meio de lavagem e prensagem. Se na época romana esta acção era efectuada com a pressão dos pés, calcando sucessivamente o tecido, posteriormente desenvolveu-se para o efeito um engenho hidráulico designado *pissão*. Assim preparados, o linho e a lã reproduzem sazonalidade, o primeiro traduzido nas vaporosas vestes estivais e no bragal das noivas, a última em espessos tecidos de burel para o fabrico de capas e alforges protectores do frio do Inverno.

A costura foi em todos os tempos outra lida doméstica, necessitando de **agulhas**, **alfinetes**, furdadores, **dedais** e **botões**. Podemos interrogar-nos

sobre o significado que as primeiras comunidades humanas atribuiriam à confecção de vestuário, provavelmente traduzindo uma simbiose com o mundo natural, aproveitando matérias orgânicas para cobrir o corpo e fabricar utensílios rudimentares, como demonstram alguns alfinetes e agulhas em osso provenientes do Quintal da Casa Grande. No entanto, estes materiais de dimensões e tipologias variadas são muito mais abundantes em metal (cobre, bronze e ferro).

Alguns milénios depois, os artífices herdeiros destas realidades – costureiras e alfaiates – são hoje uma excepção em Freixo de Numão, muito embora nos tenham legado fragmentos do seu conhecimento com a doação de **tesouras** e trajes populares usado no quotidiano rural. Curiosamente, permanecem junto de nós alguns exemplares que estruturam a evolução da máquina de costura: o elemento que anuncia a ruptura potenciada pela indústria têxtil e a inovação das fibras sintéticas. Fica-nos o sequencial tecnológico cujo saber fazer, e modos de transmissão associados, evocam um sedutor imaginário de antanho.”

2. OS PESOS DE TEAR EM BARRO (ARGILA) DO PERÍODO ROMANO

Os pesos constituem um testemunho indiscutível da existência dos “teares verticais”. Eram utilizados na época Romana para esticar feixes de fios na parte inferior desses mesmos teares verticais.

Devido à apresentação de alguma diversidade de formas, a classificação dos pesos em argila, pertencentes ao acervo do Museu da Casa Grande, estão a ser classificados segundo a tipologia adoptada pelo Museu Monográfico de Conímbriga⁵.

Essa tipologia permite agrupar os pesos exumados nas escavações arqueológicas de Conímbriga em seis grupos:

- **GRUPO I** – Pesos em forma de paralelepípedo, de secção rectangular;

⁵ **VV. AA.** (1994) *Museu Monográfico de Conímbriga: Colecções* (coord. Adília Alarcão), Lisboa, IPM/ Museu Monográfico de Conímbriga, Vol. II, p. 55 a 61).

- **GRUPO II** – Pesos em forma de paralelepípedo, de secção quadrada;
- **GRUPO III** – Pesos em forma de pirâmide truncada, de secção rectangular;
- **GRUPO IV** – Pesos em forma de pirâmide truncada, de secção quadrada;
- **GRUPO V** – Pesos de face rectangular e lado trapezoidal;
- **GRUPO VI** – Pesos de face trapezoidal e lado rectangular.

Apesar de serem muito raros os pesos de tear com dois orifícios de suspensão, em cada grupo criamos dois sub-grupos: o 1 se se trata de peso de tear com apenas um orifício (exemplo: peso do Tipo I.1); o 2 se se trata do peso de tear com dois orifícios de suspensão (exemplo: peso do Tipo I.2).

A grande maioria dos pesos de tear em barro do acervo do Museu da Casa Grande não contém

qualquer marca. Estas eram, em geral, apostas antes da cozedura.

As marcas são variadas na forma e no conteúdo e repartem-se em três grupos: as marcas incisas, as marcas impressas e as marcas em relevo.

No que respeita aos pesos exumados nas áreas dos concelhos de Vila Nova de Foz Côa e Mêda, a maioria (senão mesmo a totalidade) das marcas pertencem ao grupo das “marcas incisas”. Os locais escolhidos para a colocação da marca eram preferencialmente o topo e a face posterior.

3. OS PESOS EM XISTO

Também, embora em muito menor quantidade, têm sido exumados os denominados “pesos em xisto”. Estes são em geral afeiçoados atingindo por vezes a forma ovalada e contêm um orifício

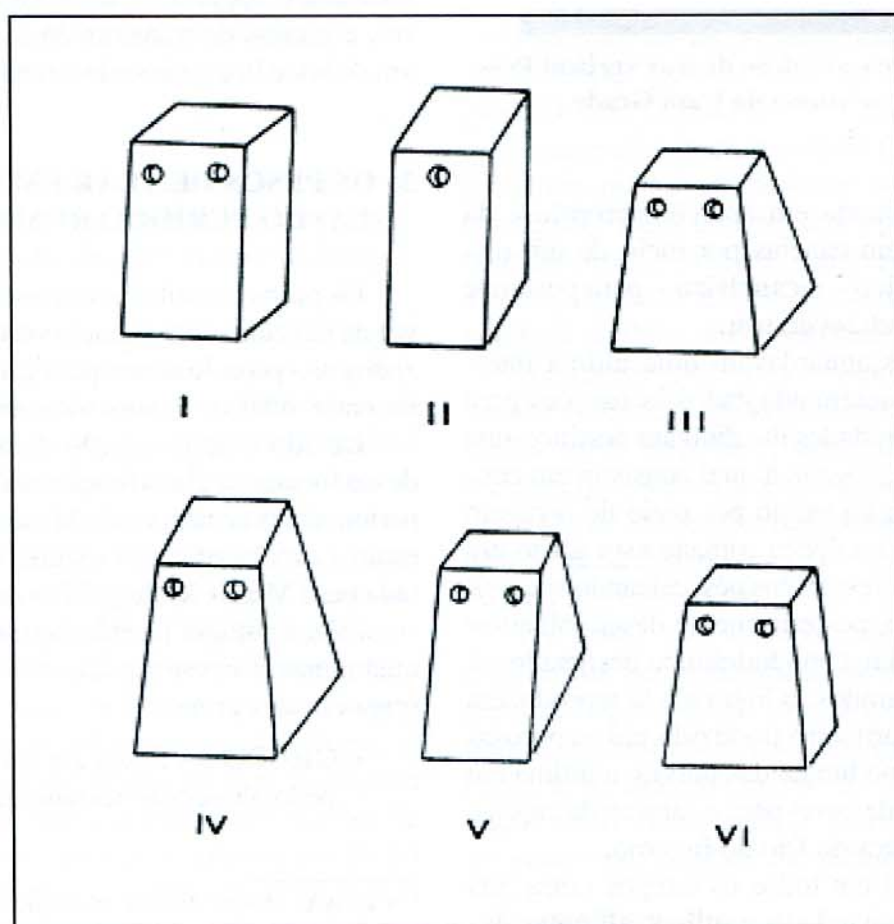


Fig. 1: Desenhos da Tipologia dos Pesos de Conímbriga.

de suspensão. Desconhecemos a sua utilização, sendo certa a sua aplicação em qualquer função na posição vertical (poderia muito bem substituir um peso de tear de argila!).

Sobre o número de pesos de tear em argila existentes no acervo do Museu da Casa Grande e colecção particular do Dr. João Gouveia (Numão),

diremos que atingem os 645; enquanto os de xisto não ultrapassam os 35.

4. QUADROS E REGISTOS VÁRIOS

4.1. Quadro Geral dos locais de exumação dos pesos

A- EXUMADOS OU RECOLHIDOS NO TERMO DE FREIXO DE NUMÃO								
LOCAL DE RECOLHA	EM ESCA-VAÇÃO	EM PROS-PECÇÃO	BARRO SEM MARCA	BARRO MARCA NO TOPO	BARRO MARCA NA FACE	BARRO MARCA NA BASE	PESO EM XISTO	TOTAL
PRAZO	X	-	123	15	2	-	3	143
RUMANSIL I	X	-	45	1	2	-	-	48
ZIMBRO I	-	X	1	-	-	-	-	1
ZIMBRO II	X	-	13	-	-	-	7	20
REGADAS	X	-	1	-	-	-	-	1
VALE DAS MÓS	-	X	14	4	-	-	-	18
VENDADA I	-	X	4	1	-	-	-	5
VENDADA II	-	X	4	-	-	-	-	4
QTAL CASA GRANDE	X	-	120	18	4	-	13	155
PAÇAL	-	X	2	1	-	-	-	3
CASA DO XIRUMBA	X	-	3	1	-	-	1	5
LARGO DE S. JOÃO	X	-	1	-	-	-	-	1
LARGO IGREJA/L. NORTE	X	-	2	-	-	-	-	2
CASA CÂNDIDO FONSECA	X	-	4	1	-	-	-	5
CASA DO SILVÉRIO	X	-	1	-	-	-	2	3
CASTELO 2000	X	-	-	-	-	-	1	1
CASA JUDAICA	X	-	-	-	-	-	7	7
SUB-TOTAIS			338	42	8	-	34	422
B- EXUMADOS OU RECOLHIDOS NA ÁREA DO CONCELHO DE VILA NOVA DE FOZ CÔA								
NUMÃO (Colecção de Dr. João Gouveia)	-	-	190	1	10	1	-	202
NUMÃO (Zona do Castelo)	-	X	3	-	-	-	-	3

ERVAMOIRA (Quinta de Sta. Maria)	X	-	-	1	-	-	-	1
AZINHATE (Sra. do Amparo)	X	-	5	1	-	-	-	6
ALDEIA NOVA (Almendra)	-	X	2	-	-	-	-	2
SUB-TOTAIS			200	3	10	1	-	214
C- EXUMADOS OU RECOLHIDOS NO TERMO DO CONCELHO DE MÊDA								
MARIALVA (Templo Romano)	X	-	5	-	-	-	-	5
COITADA (Longroiva)	-	X	2	-	-	-	-	2
VALE DO MOURO (Coriscada)	X	-	32	2	2	-	1	37
SUB-TOTAIS			39	2	2	-	1	44
TOTAIS			577	47	20	1	35	680

Tabela 1: Pesos de tear em barro (Argila) – no acervo do Museu da Casa Grande e na colecção particular de Dr. João Gouveia (Numão) e ainda Pesos em Xisto

4.2. Pesos de tear exumados no termo de Numão

O conjunto de pesos em barro que o historiador Dr. João Albino Pinto Ferreira apresenta nas “1^{as} jornadas Arqueológicas” organizadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, em Lisboa a 3, 4 e 5 de Novembro de 1969, com o título “Pesos Arcaicos de Tear encontrados em Numão”, era propriedade do distinto médico e coleccionador Dr. João Moutinho Gouveia.

Nessa comunicação apresenta uma listagem de 202 pesos de tear onde, em cada um deles, é mencionado a altura, largura, base e peso.

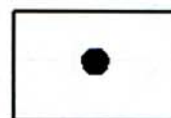
Em tão grande número de pesos inventariados, apenas 12 têm marca ou sigla. Um deles, fugindo à matriz normal, apresenta a marca na base. Há um com quatro orifícios, provavelmente pré ou proto-histórico.

No acervo do Museu da Casa Grande (reservas visitáveis) encontram-se 3 pesos em barro, que não contêm marcas, provenientes da zona das Telheiras, em Numão.

4.3. Pesos exumados na área urbana de Freixo de Numão

4.3.1. Casa do Xirumba (escavação arqueológica de emergência)

- Exumados 4 pesos de tear em barro, apenas um com marca no topo.



4.3.2. Largo de S. João (acompanhamento de obra do Manuel Beleza)

- Exumado 1 peso de tear em barro, sem marca.

4.3.3. Adro da Igreja/Lado Norte (escavação arqueológica – anos de 1985 e 1986)

- Exumados 2 pesos de tear em barro, sem marca.

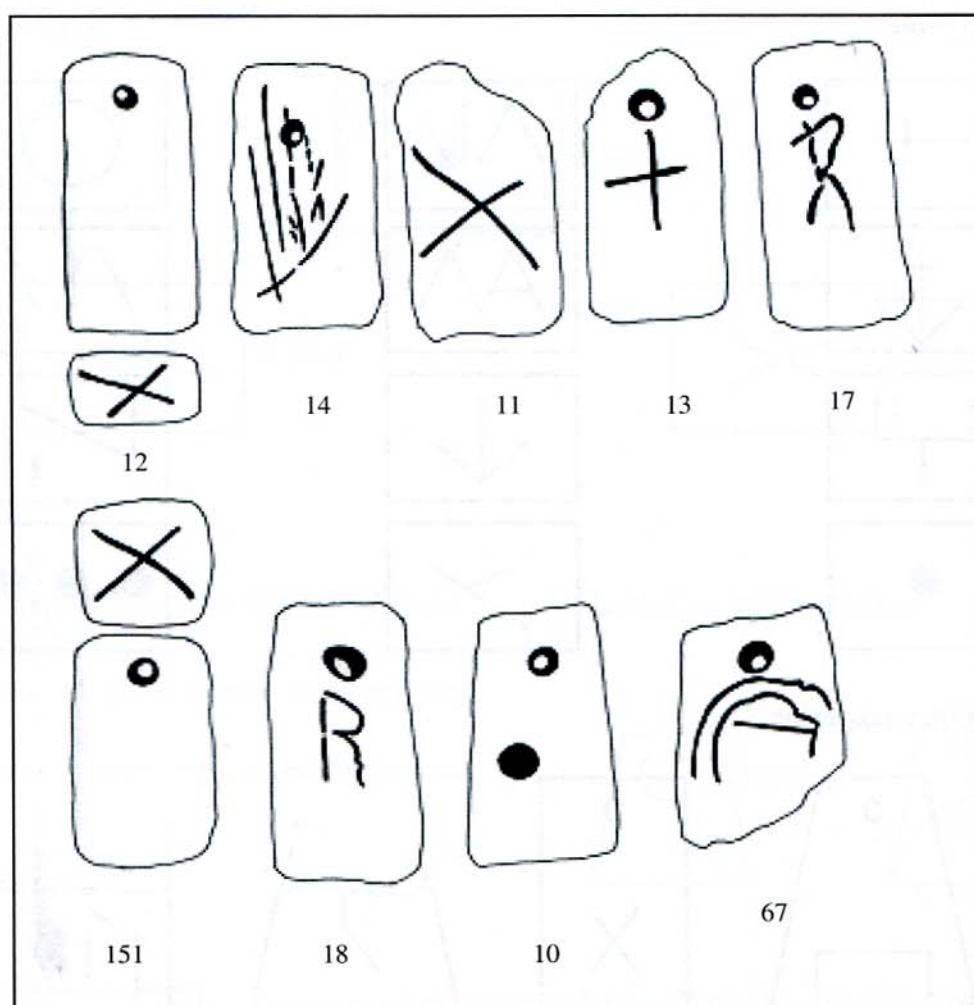


Fig. 2: Desenhos de 9 pesos da colecção do Dr. João Moutinho Gouveia (Ferreira, 1969).

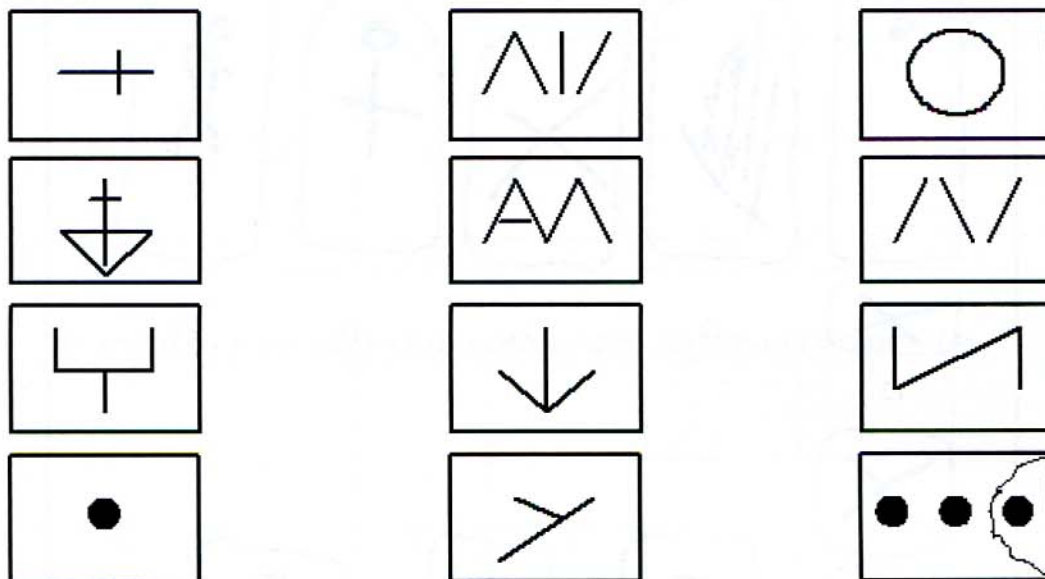
4.3.4. Paçal I (recolha de superfície)

- Exumados 2 pesos de tear em barro, sem marca.

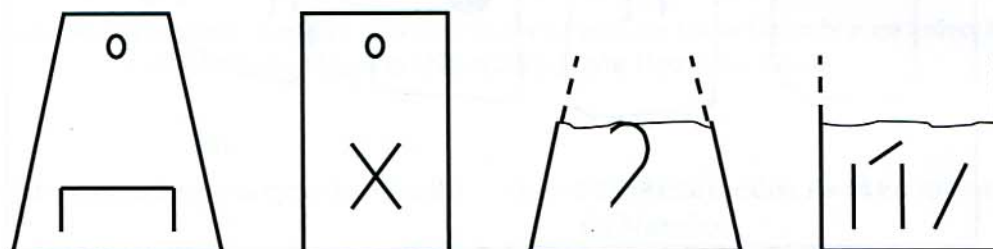
4.3.5. Quintal da Casa Grande (escavações arqueológicas)

- Exumados 119 pesos de tear em barro sem marca e 24 pesos com marca.

Marcas no topo



Marcas na face posterior



4.4. Pesos exumados no termo de Freixo de Numão e Murça do Douro

4.4.1. Regadas (Mutatio Romana) – escavações arqueológicas

- Exumado um peso de tear em barro, sem marca.

4.4.2. Zimbros I (Recolha de superfície)

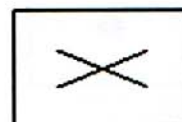
- Exumado um peso de tear em barro, sem marca.

4.4.3. Zimbros II (escavações arqueológicas)

- Exumados 12 pesos de tear em barro, sem marca;
- Exumado 1 peso fragmentado em “aplito”.

4.4.4. Vendada I (Recolha de superfície)

- Exumados 4 pesos de tear em barro, sem marca;
- Exumado 1 peso de tear em barro com marca.

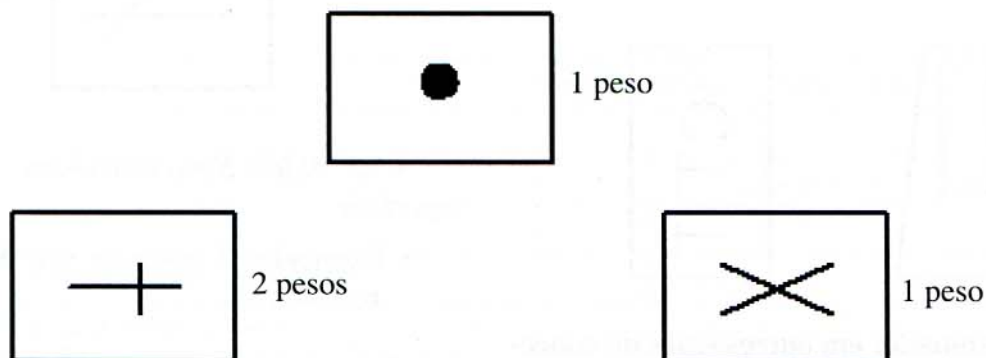


4.4.5. Vendada II (Recolha de superfície)

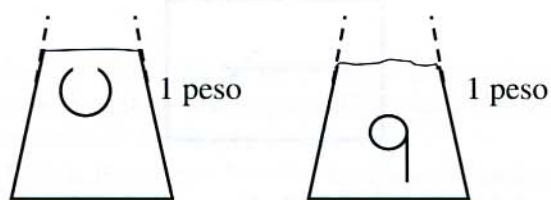
- Exumados 4 pesos de tear em barro, sem marca.

4.4.6. Vale das Mós (Recolha de superfície)

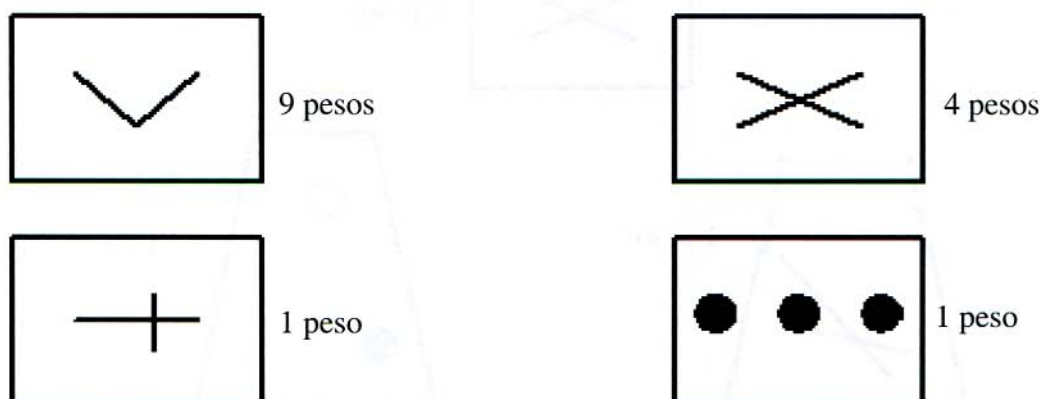
- Exumados 14 pesos de tear em barro, sem marca;
- Exumados 4 pesos de tear em barro com marca.

Marcas no topo**4.4.7. Rumanil I (Murça do Douro) – Escavações arqueológicas**

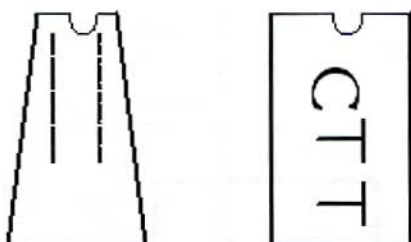
- Exumados 45 pesos de tear em barro, sem marca;
- Exumados 3 pesos de tear em barro com marca.

Marca no topo**Marcas na face posterior****4.4.8. Prazo (Escavações arqueológicas)**

- Exumados 123 pesos de tear em barro, sem marca;
- Exumados 17 pesos de tear em barro com marca.

Marcas no topo

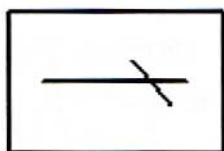
Marcas na face posterior



4.5. Pesos exumados em outros sítios do concelho de Foz Côa

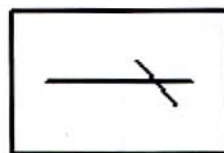
4.5.1. Ervamoira (Escavações arqueológicas)

- Exumado 1 peso de tear em barro com marca no topo.



4.5.2. Azinhate (Vila Nova de Foz Côa) – Sondagens arqueológicas

- Exumados 5 pesos de tear em barro, sem marca;
- Exumado 1 peso de tear em barro com marca no topo.



4.5.3. Aldeia Nova (Almendra) – Recolhas de superfície

- Exumados 2 pesos de tear em barro, sem marca.

4.6. Pesos exumados ou recolhidos na área do concelho de Mêda

4.6.1. Marialva (Templo romano) – Escavações arqueológicas

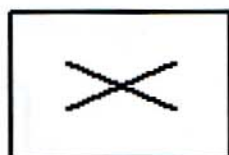
- Exumados 5 pesos de tear em barro, sem marcas, apenas um com dois orifícios.

4.6.2. Coitada (Longroiva) – recolha de superfície

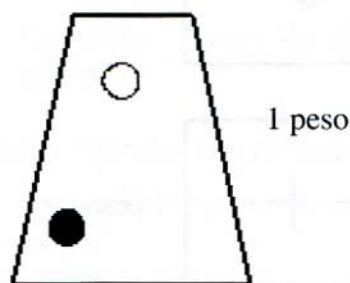
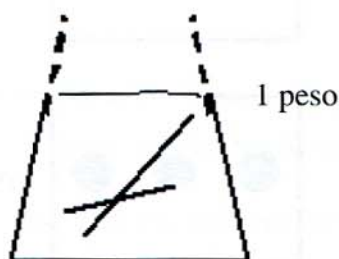
- Exumados 2 pesos de tear em barro, sem marca.

4.6.3. Vale do Mouro (Coriscada) – Escavações arqueológicas

- Exumados 31 pesos de tear em barro, sem marcas.
- Exumados 4 pesos de tear em barro com marcas, 2 no topo e 2 na face posterior.



2 pesos



4.7. Pesos em Xisto (Acervo do Museu da Casa Grande)

Localização	Número de Pesos	Observação
Praço	3	
Zimbro	7	1 peso com 2 orifícios
Vale do Mouro	1	
Freixo Urbano – Castelo (2000)	1	
Freixo Urbano – Casa do Silvério (2000)	2	
Freixo Urbano – Casa do Xirumba (2003)	1	
Freixo Urbano – Casa Judaica (2001)	7	
Freixo Urbano – Quintal da Casa Grande	13	
TOTAL	35	

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (2005), *Introdução ao estudo da Tecnologia Romana*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

COIXÃO, António Sá (1999) *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 2ª edição, Vila Nova de Foz Côa.

FERREIRA, J. A. Pinto (1969) *Pesos Arcaicos de Tear encontrados em Numão*, In: Actas das I Jornadas Arqueológicas, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa pp. 8-18

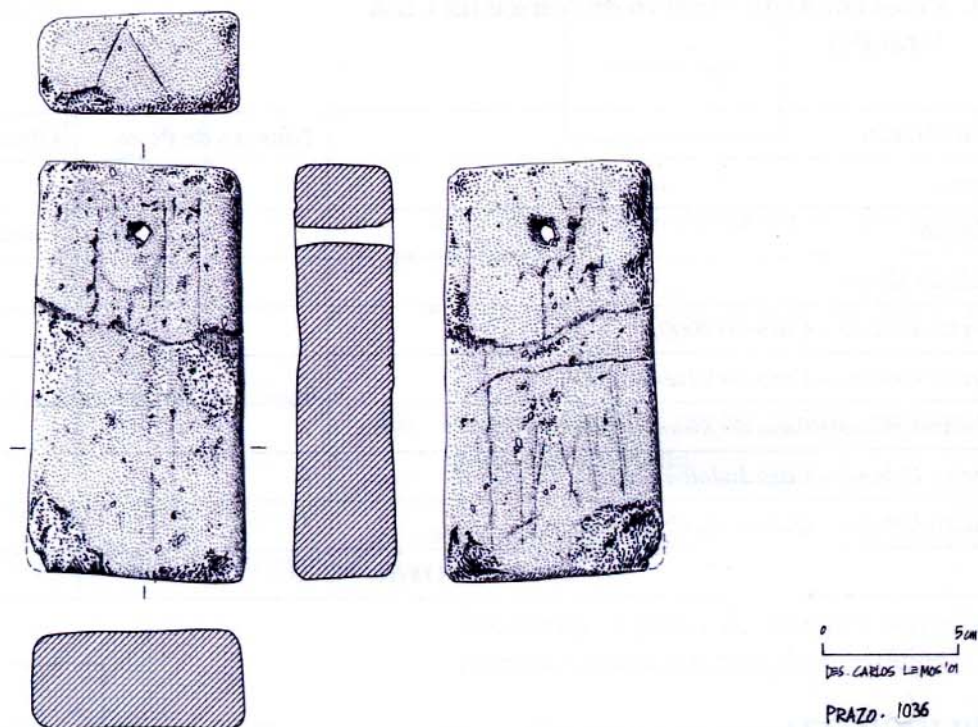
OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; **GALHANO**, Fernando; **PEREIRA**, Benjamim (1991) *Tecnologia*

Tradicional Portuguesa: O Linho, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/ Centro de Estudos de Etnologia, 2ª edição.

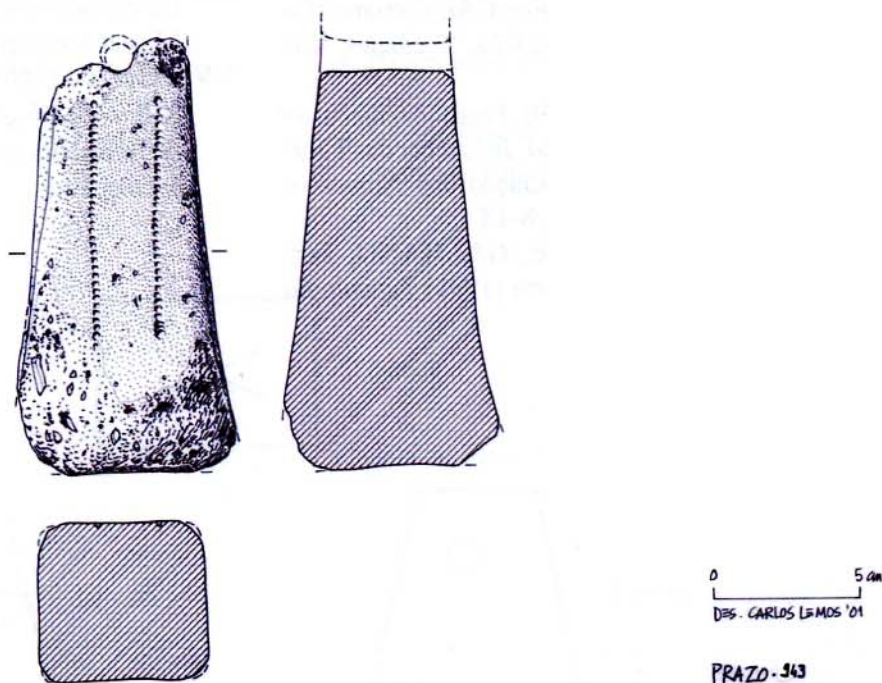
PEREIRA, Benjamim (1967) “Técnicas de fiação primitiva. As rocas portuguesas”, *Cadernos de Etnografia*, 2, Barcelos

VV. AA. (1994) *Museu Monográfico de Conímbriga: Coleções* (coord. Adília Alarcão), Lisboa, IPM/ Museu Monográfico de Conímbriga, Vol. VII.

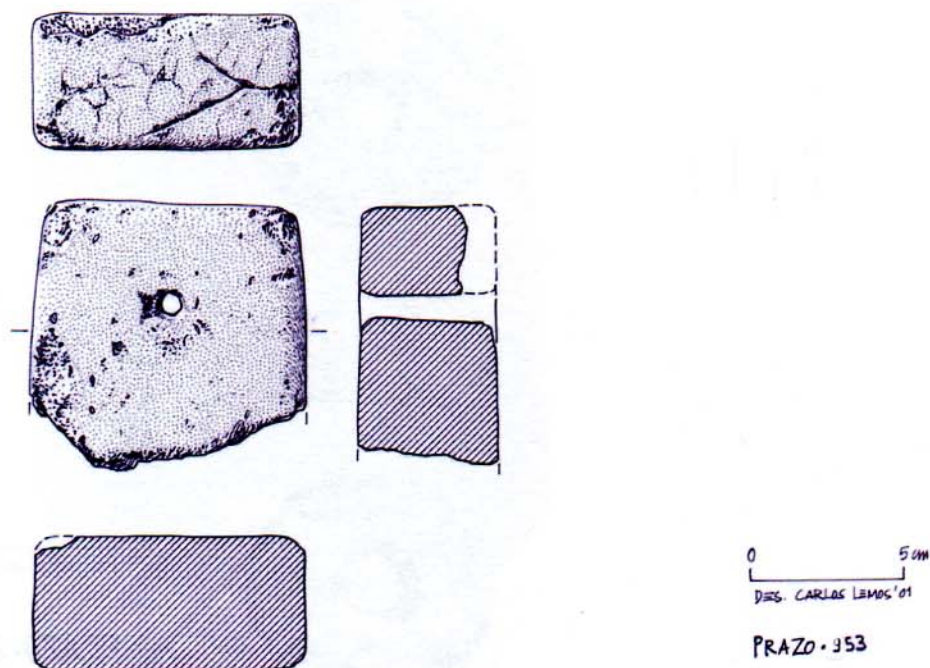
VV. AA. (2002) *Museu do Ferro e da Região de Moncorvo. Catálogo* (coord. Nelson Rebanda), Torre de Moncorvo: Museu do Ferro e da Região de Moncorvo



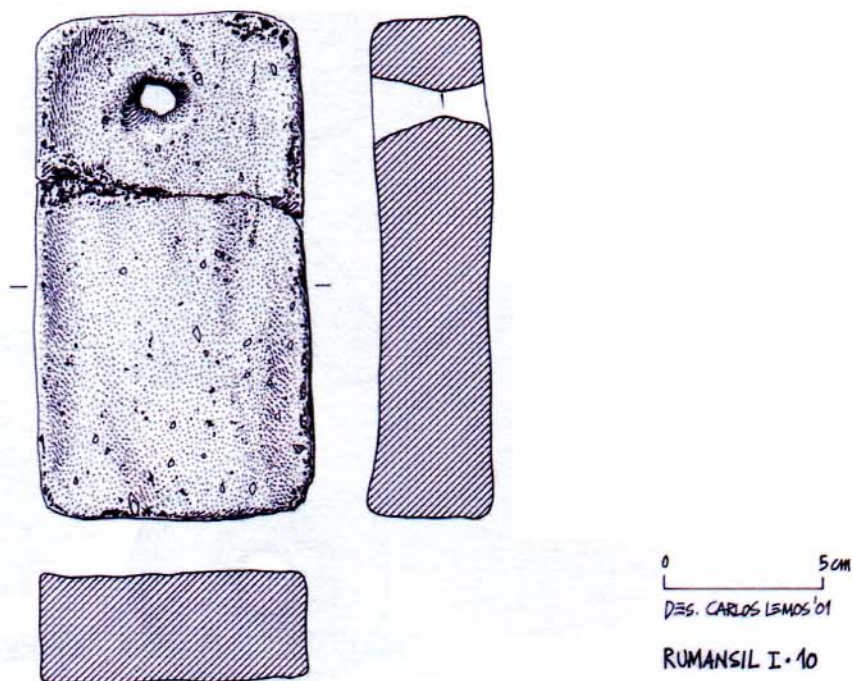
Estampa 1: Peso de Tear em barro recolhido no sítio arqueológico do Prazo (Freixo de Numão).



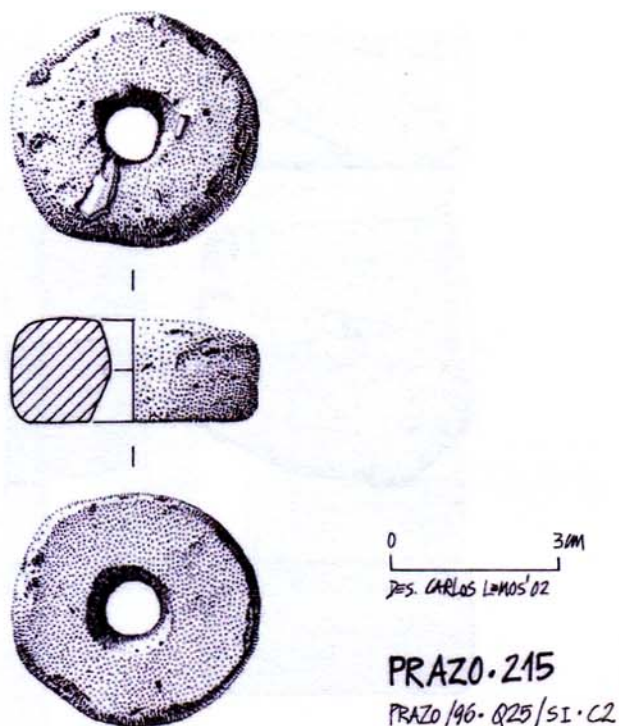
Estampa 2: Peso de Tear em barro recolhido no sítio arqueológico do Prazo (Freixo de Numão).



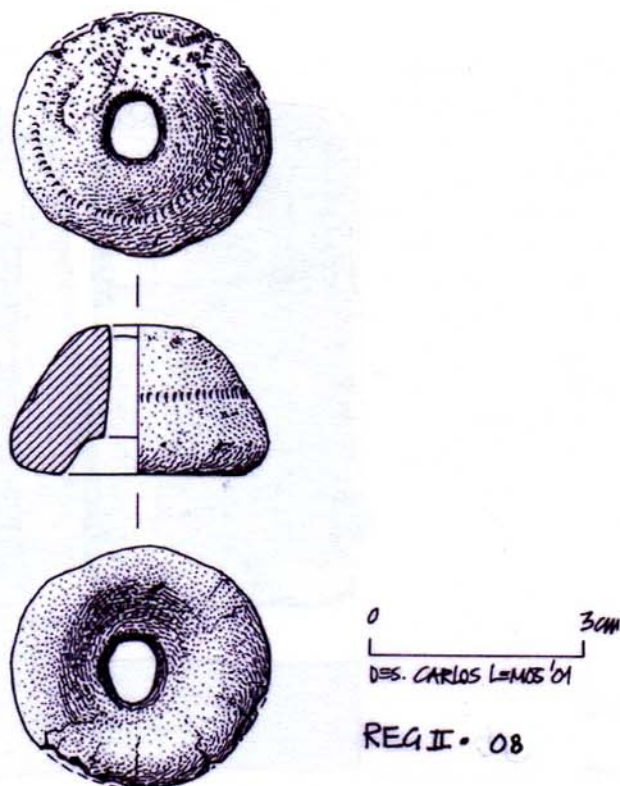
Estampa 3: Fragmento de Peso de Tear em barro recolhido no sítio arqueológico do Prazo (Freixo de Numão).



Estampa 4: Fragmento de Peso de Tear em barro recolhido no sítio arqueológico do Rumansil I (Murça do Douro).



Estampa 5: Peso em barro recolhido no sítio arqueológico do Prazo (Freixo de Numão).



Estampa 6: Cossoiro em barro recolhido no sítio arqueológico das Regadas (Freixo de Numão).



Foto 3: Peso de tear em barro, com dois orifícios de suspensão, recolhido em escavações arqueológicas no sítio do Vale do Mouro (Coriscada – Mêda) no ano de 2010.



Foto 4: Pesos circulares (?) recolhidos em escavações arqueológicas no sítio do Vale do Mouro (Coriscada – Mêda).



Foto 5: Pesos circulares (?) recolhidos em escavações arqueológicas de: 1 e 2 – Prazo; 3 – Quintal da Casa Grande.

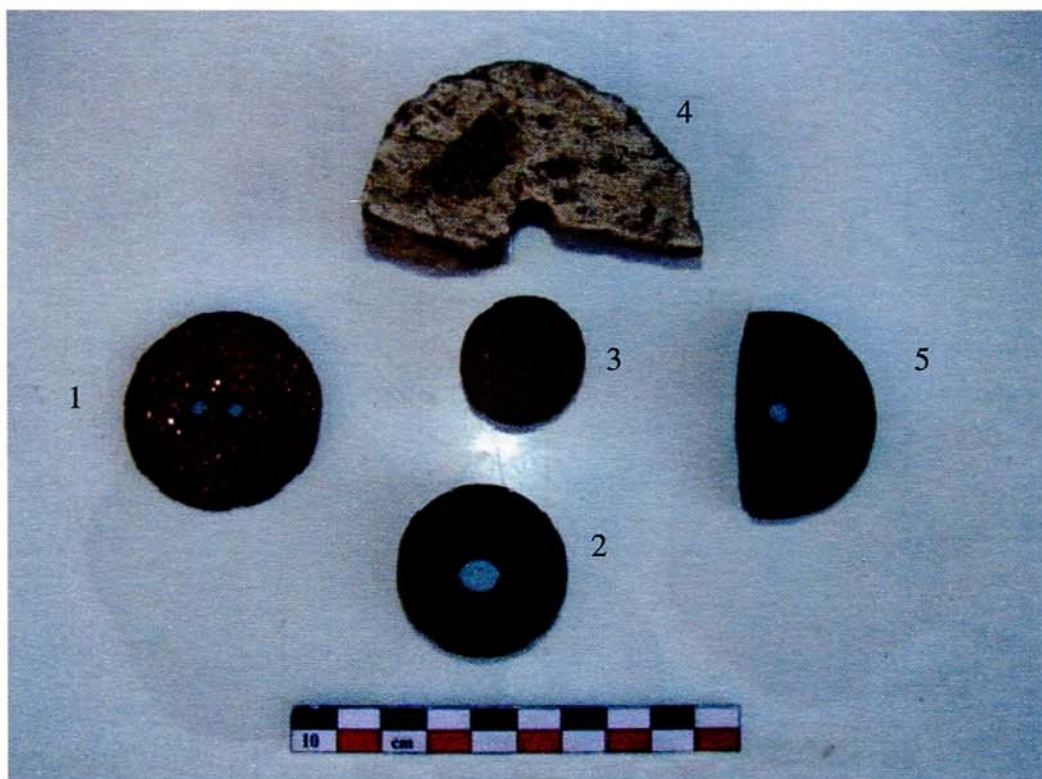


Foto 6: Cossoiros e separadores de fios, em barro, recolhidos em escavações arqueológicas de: 1, 2 e 3 – Vale do Mouro; 4 – Rumansil I; 5 – FRN/URB (Casa Judaica).



Foto 7: Pesos em xisto recolhidos durante as escavações arqueológicas do Quintal da Casa Grande / Freixo de Numão – Área Urbana.

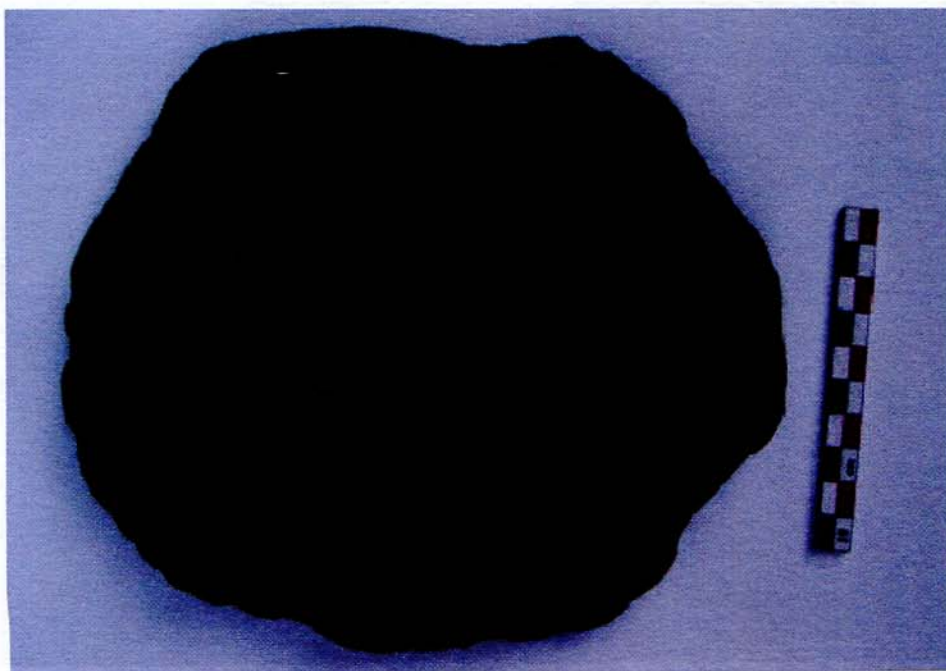


Foto 8: Peso em xisto recolhido durante as escavações arqueológicas do Quintal da Casa Grande/ Freixo de Numão - Área Urbana.

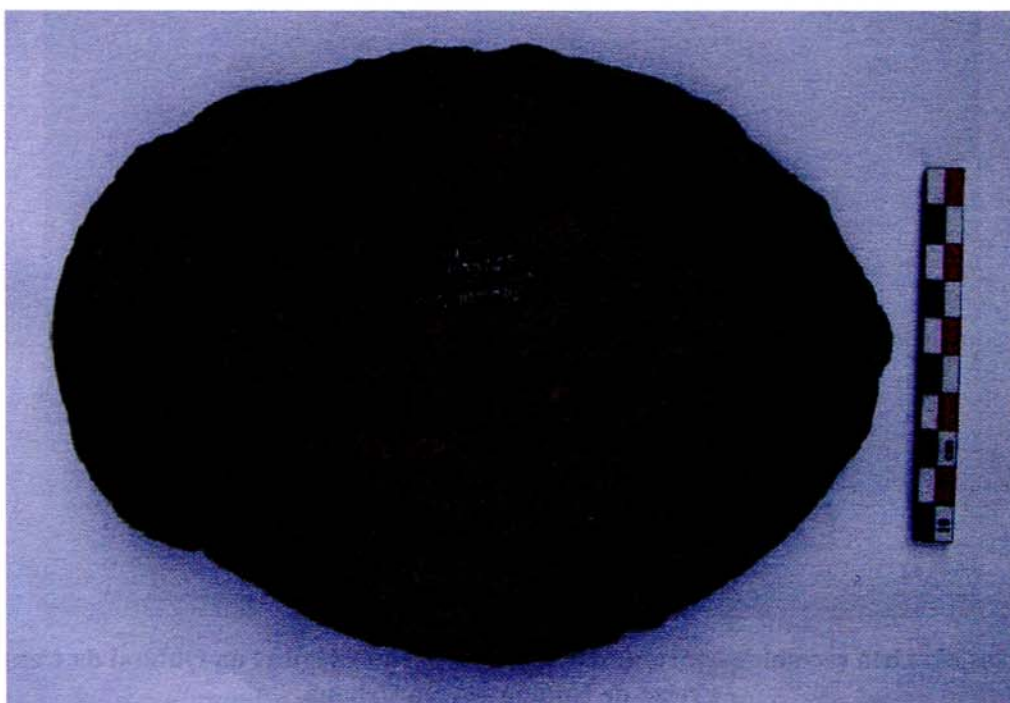


Foto 9: Peso em xisto recolhido durante as escavações arqueológicas do Quintal da Casa Grande/ Freixo de Numão - Área Urbana.



Foto 10: Pesos em xisto recolhidos durante as escavações arqueológicas no sítio do Zimbro II (Freixo de Numão).



Foto 11: Dois pesos de tear em barro exumados durante as escavações arqueológicas no sítio do Prazo (Freixo de Numão).



Foto 12: Três pesos de tear em barro exumados durante as escavações arqueológicas no sítio do Prazo (Freixo de Numão).



Foto 13: Três pesos de tear em barro exumados durante as escavações arqueológicas no sítio do Prazo (Freixo de Numão).



Foto 14: Agulha em osso, alfinetes em cobre e osso, canelão em bronze e dedal em cobre, em exposição no Museu da Casa Grande (do período de ocupação Romana).



Foto 15: Peso de tear em barro com marca (grafito) exumado no sítio do Prazo (Freixo de Numão) em exposição no Museu da Casa Grande.



Foto 16: Cossiros em barro exumados nas escavações arqueológicas do Quintal da Casa Grande (Freixo de Numão – área urbana) em exposição no museu.

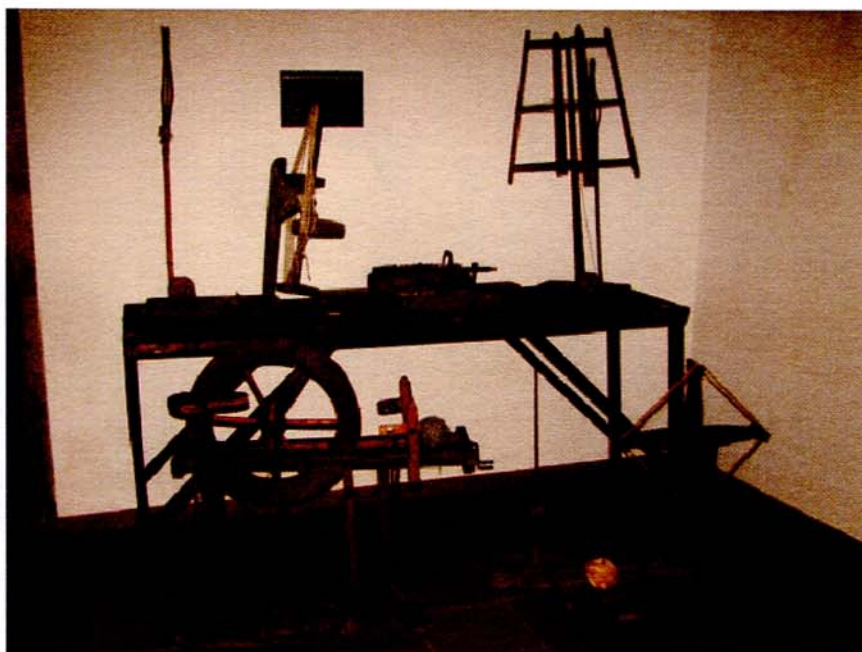


Foto 17: Artefactos associados à fição e tecelagem em exposição no Museu da Casa Grande.

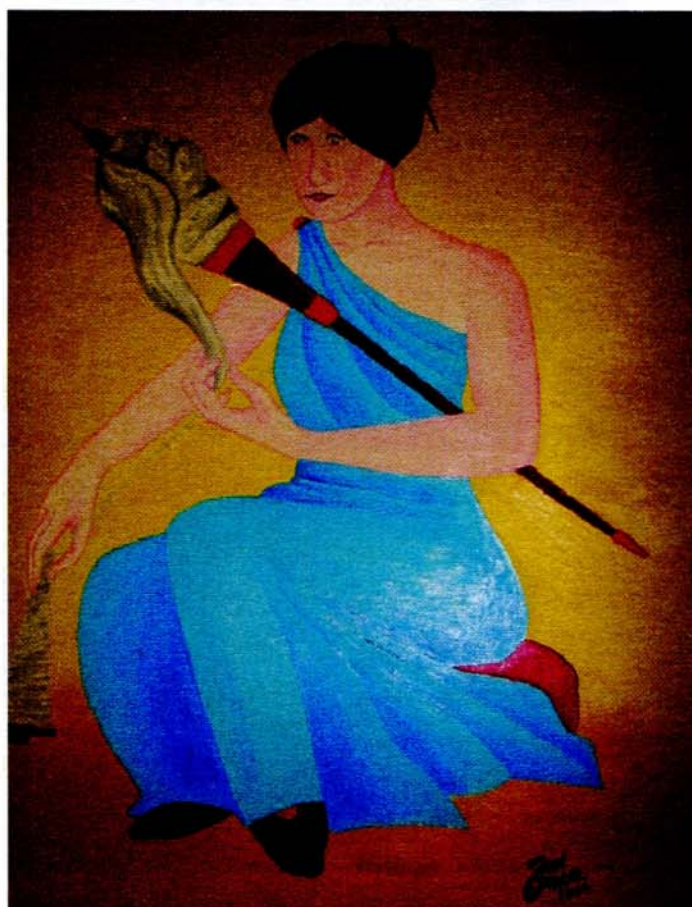


Foto 18: Pintura de Tino Sobral (no Museu da Casa Grande) representando a tarefa de fição Romana.

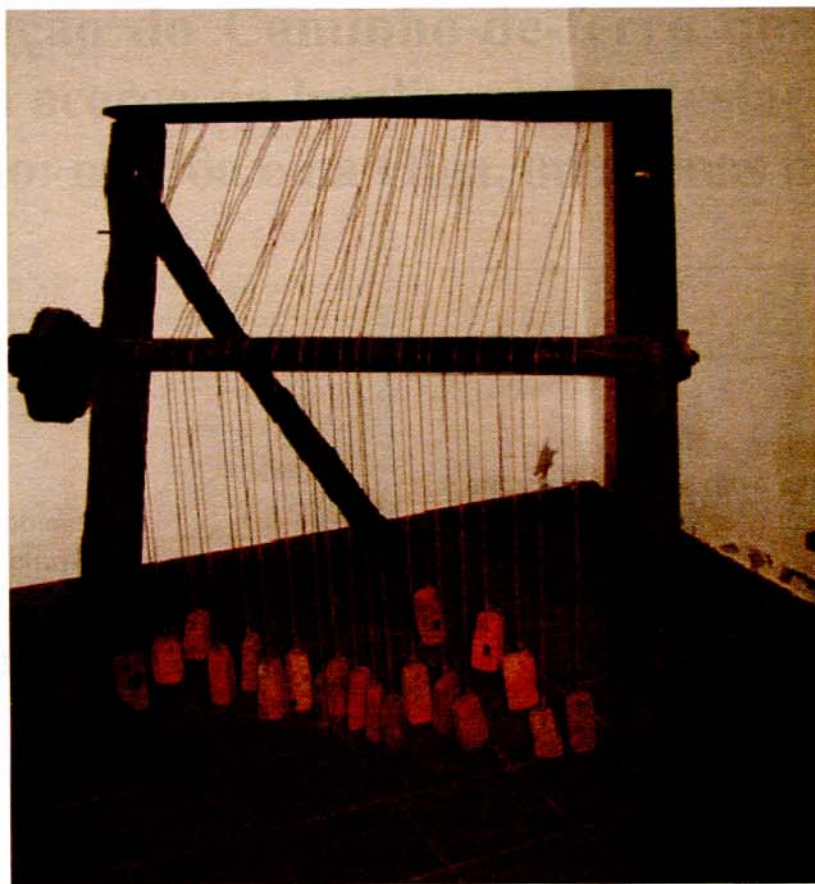


Foto 19: Tear com pesos em barro, do período de ocupação Romana, em exposição no Museu da Casa Grande